

Mágico e ex-biónicos, os novos congressistas

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Um mágico, um líder sindical acusado de pretender incendiar a refinaria da Petrobrás em 1964, e um político que denunciou a tentativa de utilizar o Parasar para executar dissidentes políticos, são algumas das novas fisionomias que o Congresso recebeu com a implantação da Nova República. Voltaram ainda ao Senado dois biónicos que ocuparam os Ministérios das Minas e Energia — César Cals — e da Indústria e Comércio — Murilo Badaró — no governo João Figueiredo.

O mágico é Roberto Wypych, ex-prefeito de Caçapava do Sul e líder cooperativista, suplente do senador Affonso Camargo, atual ministro dos Transportes. O líder sindical, Mário Lima, petroleiro que, entre 31 de março e 1º de abril de 1964, teria se vangloriado de poder incendiar a refinaria de Mataripe, o que o levou à prisão, à perda do emprego na Petrobrás e à exclusão dos benefícios da anistia, em 1979, por parte do ex-presidente daquela empresa estatal, Shigeaki Ueki.

Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) foi alcançado pelo AI-5 por haver denunciado que o Parasar se preparava para jogar no mar adversários do regime militar. Na época, por se recusar a cumprir ordens nesse sentido, foi demitido da Aeronáutica o capitão Sérgio de Castro, até hoje excluído dos benefícios da anistia.

OS BIÓNICOS

César Cals, depois de morar seis anos na casa do Ministério das Minas e Energia, na Península dos Ministros, às margens do Lago Paranoá, de cumprir mais de 40 viagens internacionais e de ser apontado várias vezes como demissionário, volta ao Senado, onde passará apenas 14 dias antes de ser convocado pelo general João Figueiredo, a fim de integrar seu Ministério. Ele agora habita a suíte presidencial do Eron Hotel, enquanto espera a reforma do apartamento funcional do Senado, ocupado nos últimos seis anos por seu suplente, Almir Pinto, veterano político cearense que deixou na Casa mu-

tas amizades e um livro, contendo quadrinhas que escreveu no exercício do mandato.

Cals passa a Semana Santa em Fortaleza, para onde viajou em avião comercial, experiência praticamente inédita para ele, nos últimos seis anos. Governador do Ceará, senador biónico e ministro de Estado de 1971 a 1985, sem haver precisado do voto popular, Cals terá de passar pela experiência, para ele totalmente desconhecida, de disputar nas urnas o direito de se manter na vida pública.

Político do antigo PSD, Badaró decepcionou os admiradores que previam para ele brilhante carreira política, pelo menos duas vezes. A primeira, em 1978, quando aceitou o mandato de senador biónico. A outra, no segundo semestre do ano passado, quando assumiu o Ministério da Indústria e do Comércio em substituição a outro mineiro, Camilo Penna, que se recusara a apoiar a candidatura Paulo Maluf à Presidência da República, para formar, com Aureliano Chaves, ao lado de Tancredo Neves. Ele retornou ao Senado depois de abjurar o malufismo, para liderar a bancada do PDS.

Em 1978, a sublegenda foi amplamente utilizada na disputa por uma vaga de senador, gerando, depois, grandes contradições. Alberto Silva chegou ao Senado em lugar de Dirceu Arcoverde, seu inimigo pessoal e adversário político. Cid Sampaio substituiu Nilo Coelho, com quem se desentendera no curso da campanha. Américo de Souza foi candidato ao Senado, por uma sublegenda do PDS, apoiado pelo então governador do Maranhão, Nunes Freire, que sonhava destruir a liderança de José Sarney. Este voltou ao Senado, com brilhante votação, ficando, porém, Souza na sua suplência. Amigo da família do presidente Costa e Silva, Souza se recompôs com Sarney, ingressou no Partido da Frente Liberal e pôde deixar a cadeira no Senado por um lugar no Tribunal de Contas, a fim de assumir o mandato de Luiz Carlos Belo Parga, amigo pessoal de Sarney e registrado candidato à suplência de senador, a seu lado.